



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE UNB DE PLANALTINA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
PEDRO HENRIQUE GOMES XAVIER**

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E (DES)INTERESSE ESCOLAR DOS
ESTUDANTES DO COLÉGIO ESTADUAL VALE DA
ESPERANÇA/FORMOSA/GOIÁS**

**BRASÍLIA
2013**

PEDRO HENRIQUE GOMES XAVIER

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E (DES)INTERESSE ESCOLAR DOS ESTUDANTES DO
COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA/FORMOSA/GOIÁS**

PEDRO HENRIQUE GOMES XAVIER

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Profª Drª Laís Mourão Sá

**Brasília
2013**

PEDRO HENRIQUE GOMES XAVIER

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E (DES)INTERESSE ESCOLAR DOS ESTUDANTES DO
COLÉGIO ESTADUAL VALE DA ESPERANÇA/FORMOSA/GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília.

Habilitação: Linguagens

Data de Aprovação

____/____/____

Banca examinadora:

Profa. Dra. Laís Mourão Sá
Orientadora

Profa. Dra. Maria Osanette de Medeiros

Profa. Ms. Silvanete Pereira dos Santos

Prof^a Dra. Anna Izabel Barbosa (suplente)

DEDICATÓRIA

Dedico aos companheiros e companheiras que lutaram para que hoje pudéssemos ter acesso à Universidade Pública.

A todos os companheiros e todas as companheiras que morreram no processo de luta contra a hegemonia do capital.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente com minha pesquisa, pelo amor, compreensão, carinho e incentivo. Dedico-lhes essa conquista com gratidão e amor.

AGRADECIMENTO

Aos meus avós, a minha mãe, irmãos e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À professora Dr^a Laís Mourão Sá e ao professor Dr. Djiby Mané pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

À professora e coordenadora do curso Rosineide Magalhães, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante.

Ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Formosa Goiás que fez minha indicação para o curso.

Aos educadores e estudantes do Colégio Estadual Vale da Esperança.

Reconhecemos o papel relevante da instituição escolar, da escola, mas entendermos que ela é uma entre muitas outras instituições 'educativas' em uma sociedade, responsáveis pela formação da juventude' (FREITAS, 2010, p. 157)

RESUMO

Este trabalho consiste em analisar o desinteresse dos estudantes do Colégio Estadual Vale da Esperança, no intuito de investigar as causas e consequências do ponto de vista dos estudantes e dos educadores. Buscamos subsídio para a realização deste estudo na pesquisa qualitativa para análise de dados. A base teórica é formada por um breve estudo sobre a Educação do Campo, pois o colégio está localizado no meio rural, com a perspectiva de uma educação voltada para a realidade dos camponeses. O estudo mostrou que o desinteresse é causado pelo desligamento da escola com a vida do estudante. Outro fator que contribui para o desinteresse é a metodologia de ensino adotada pelos educadores, esses que são desmotivados pelas políticas públicas de educação do Estado de Goiás. Este trabalho propõe maneiras diferentes de organização do trabalho pedagógico que atendem os interesses dos sujeitos do campo, fazendo a ligação da vida do estudante com a escola, de acordo com as propostas pedagógicas do movimento da Educação do Campo.

PALAVRAS – CHAVE:

Desinteresse. Educação do Campo. Escola do Campo. Aprendizagem e motivação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	08
MEMORIAL EDUCATIVO.....	10
No Ensino Fundamental e as dificuldades	10
No Ensino Médio	11
A trajetória Acadêmica	11
CAPÍTULO I- METODOLOGIA UTILIZADA.....	14
1.1 - Instrumentos utilizados para a pesquisa.....	14
1.2 - Descrição da pesquisa.....	16
1.3 - História da escola.....	16
CAPÍTULO II- REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1 - Educação do campo	20
2.2 - Educação rural	21
2.3- Escola do Campo	22
2.4- A Escola Única do Trabalho: Explorando os caminhos de sua construção.....	25
2.5- Pedagogia Socialista.	27
CAPÍTULO III- APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA	29
3.1 - O desinteresse pela escola: aula como obrigação e escola como diversão.	29
3.2- Professores desmotivados e conteúdos corridos;	35
3.3– O desinteresse dos estudantes na concepção dos educadores.....	42
3.4- Família e escola: A concepção dos educadores	47
CONCLUSÃO	51
BIBLIOGRAFIA	53

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso visa identificar as causas do desinteresse escolar dos estudantes do Colégio Estadual Vale da Esperança, situado no município de Formosa, Estado de Goiás, e propor soluções para o problema que dificulta o ensino e a aprendizagem. Durante quatro anos trabalhando no colégio, percebi o quanto os educadores da escola pensam e discutem estratégias para trabalhar com a questão dos desinteresses dos estudantes, porém, as propostas de soluções são fracassadas, a escola colocando culpa na família que não apoia e que não vai à escola para contribuir com o ensino e a aprendizagem, os estudantes colocando culpa nos educadores, assim o problema continua e não tem um avanço da escola.

Neste sentido, a pesquisa buscou identificar as possíveis causas dessa problemática e propor meios de lidar com ela, para fazer avançar a proposta educativa da escola, pois é preciso construir processos com base na Educação do Campo, uma vez que estamos trabalhando com alunos que moram no campo.

A pesquisa assume relevância na medida em que possibilitará ampliar o debate na escola para que se possa redimensionar as práticas pedagógicas de modo a envolver toda a comunidade escolar no processo educativo, tornando a escola mais atrativa para todos os envolvidos direta ou indiretamente com a sua proposta.

É preciso trabalhar com informações e dados que possibilitem uma análise e uma compreensão das causas e consequências do desinteresse escolar, identificando fatores que desmotivam os estudantes. Ao realizar esta pesquisa queremos aqui propor formas diferenciadas para trabalhar com alunos do campo, levando em consideração a particularidade desses estudantes e o meio em que vivem. Nesse sentido é necessário construir processos com base nas propostas da Educação do Campo.

Este trabalho teve como estratégia de pesquisa observações e a realização de dois grupos focais, um com dez estudantes e outro com dez educadores, para assim, fazer um paralelo com as informações tanto dos estudantes quanto dos educadores. Assim a pesquisa tornou-se qualitativa, podendo contribuir

para os profissionais da educação que estão direta ou indiretamente ligados ao Colégio Estadual Vale da Esperança. As reflexões e os resultados da pesquisa devem contribuir para a construção de uma escola do campo, com base nos referenciais da Educação do Campo.

Para o embasamento teórico, recorreremos aos autores Roseli Caldart, Marlene Ribeiro, Mônica C. Molina, Laís Mourão Sá, Miguel G. Arroyo e Luiz Carlos de Freitas.

Este trabalho se divide, além desta introdução e no memorial educativo, em três capítulos, em que trago os referenciais teóricos e metodológicos e apresento os dados da pesquisa, seguidos de discussão. Por último, apresento considerações e sugestões acerca do material pesquisado como resposta à problemática que desencadeou a pesquisa. No memorial educativo abordo minha trajetória desde a educação infantil até a conquista de estar na universidade, mostrando a luta que um estudante do campo passa para alcançar o campo dos saberes científicos. O primeiro capítulo consiste na descrição da metodologia da pesquisa. O segundo capítulo trata do referencial teórico. O terceiro capítulo apresenta a análise dos dados e a proposta da Educação do Campo para o Colégio Estadual Vale da Esperança.

Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa foi levantar informações para analisar e compreender as causas e consequências do desinteresse escolar, identificar fatores que desmotivam os estudantes e propor formas diferenciadas para trabalhar com estudantes do campo, levando em consideração a particularidade desses estudantes e o meio em que vivem.

A pesquisa visa analisar, questionar e propor metodologias diferenciadas para os sujeitos do Colégio Estadual Vale da Esperança, meninos e meninas, jovens e adultos e educadores.

Objetivos específicos

1. Descrever a relação dos estudantes no convívio escolar;
2. Descrever a relação dos educadores com os estudantes;
3. Compreender a concepção de desinteresse pelos educadores;
4. Relacionar o fazer pedagógico existente propondo metodologias diferenciadas;

MEMORIAL EDUCATIVO

Fazer minha memória educativa pressupõe o resgate da minha raiz histórica, promover uma ligação das minhas lutas de hoje com as do passado. Nasci no ano de 1989 na cidade de Formosa Goiás. Minha mãe Elizabeth Gomes Xavier, solteira, vivia com meus avós Elcio Gomes Xavier e Aparecida Pereira Xavier e com mais sete irmãos, em um povoado chamado Santo Estevão. Algum tempo depois mudamos para a cidade de Formosa.

No Ensino Fundamental e as dificuldades

Aos cinco anos de idade iniciei minha trajetória na Escola Marçon Ângelo Chaves na pré-escola. Na primeira série do Ensino Fundamental estudei em uma escola municipal na cidade de Formosa e a partir da segunda série estudei em uma escola rural. Minha mãe apenas com o Ensino Fundamental começou a trabalhar como professora suporte em uma escola rural multisseriada e consequentemente fui aluno dela durante toda minha segunda série, Em 15 de julho de 1996 meus avós juntamente com outras famílias foram acampar na fazenda Vale da Esperança a 70 km do município de Formosa, Goiás, ocasião em que fui morar com eles, pois minha mãe teve que trabalhar em Brasília-DF.

Estudei no Assentamento Vale da Esperança em classe multisseriada até a quarta série, a escola ficava cerca de 3 km da parcela dos meus avós. Quando iniciei a quinta série, tive que me deslocar 7 km para o Colégio Estadual salas anexas a Distrito de Santa Rosa, muitas vezes ia para a escola de bicicleta, outras à cavalo, e às vezes pegava carona no ônibus que fazia a linha assentamento – Formosa e tinha que voltar a pé. Muitas vezes minha bicicleta quebrava e tinha que andar quilômetros empurrando a bicicleta, acordava às cinco horas da manhã para chegar às sete horas e trinta minutos, pois não havia transporte escolar. Nessa escola estudei até minha oitava série e o corpo docente e a coordenadora com formação em Pedagogia da Terra, conhecedora do processo e das lutas pela

educação do campo partia do pressuposto uma escola do campo e do trabalho como princípio educativo.. Recordo-me dos setores de trabalho, participávamos de todos os setores, tinha o setor para limpar os banheiros, outro setor para limpar os corredores, outro setor para fazer o trabalho de jardinagem, enfim, era um tempo de muita transformação pessoal. Recordo também que na época da colheita, a escola organizava mutirão de trabalho nas roças dos assentados que não tinham condições de colher sozinhos. Foi um tempo de construção de solidariedade entre os estudantes. Esta é a escola objeto de pesquisa desta monografia.

No Ensino Médio

No Ensino Médio voltei para a cidade de Formosa para cursar o Ensino Médio no Colégio Estadual Hugo Lôbo, onde estudei desde o primeiro ano até o terceiro do Ensino Médio. Após terminar o colegial no ano de 2006, iniciei minha vida como docente, trabalhei no Projeto Vaga Lume de alfabetização de jovens e adultos, trabalhei como alfabetizador por dois anos neste projeto. Em 2008 fiz o processo seletivo para educadores do Estado de Goiás e apenas com o nível médio concluído fui trabalhar no Colégio Estadual Vale da Esperança, na escola onde estudei as séries finais do Ensino Fundamental.

Assumir uma sala de aula foi muito desafiador, pois não tinha experiência em trabalhar com séries finais do Fundamental e Ensino Médio. Eu, professor apenas com o nível médio estava trabalhando com alunos do Ensino Médio, e hoje nas escolas do campo ainda existem professores com o nível médio dando aula para o Ensino Médio. Assumi as disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia, muitas vezes passava noites estudando, planejando aula para fazer um bom trabalho.

A trajetória acadêmica

No ano de 2008 minha mãe, sabedora do meu interesse em dar continuidade aos estudos me incentiva a fazer o vestibular na UnB para ingressar no curso de Licenciatura em Educação do Campo destinado a professores das escolas dos assentamentos sem formação e também para os assentados. No mesmo momento

tomei as providências, juntamente com ela e tive a perspectiva de fazer um curso superior em uma universidade pública.

Organizamos um carro para fazer o vestibular, éramos em média quinze pessoas e caminhamos rumo à cidade de Planaltina DF para fazer o vestibular. Assim que saiu o resultado minha mãe veio me dar os parabéns por ter sido aprovado no vestibular. No final de 2008 foi realizada a primeira etapa no Instituto Federal de Brasília – *campus* de Planaltina-DF; foi uma etapa de uma semana. Houve apresentação do curso, sua metodologia, pedagogia e filosofias.

Muitas vezes me questionei quando falavam que precisava trabalhar a realidade do campo, como por exemplo, para falar do movimento do trator e não do avião, pois o trator era realidade dos alunos do campo. Então me questionava se o aluno fosse então, estudar numa escola urbana, ou prestar um vestibular iria conseguir dar andamento aos seus estudos, já que os conteúdos eram voltados para a realidade do campo? No decorrer do curso percebi que a proposta era proporcionar os conteúdos básicos e ir além desses conteúdos, uma formação interdisciplinar, não com disciplinas em forma fragmentada.

Durante todo o curso continuei trabalhando no Colégio Estadual Vale da Esperança, por que o curso, a partir da Pedagogia da Alternância, me proporcionou a estudar na Universidade por meio o TE (Tempo Escola) numa temporada de trinta a cinquenta dias por semestre, e por meio o TC (Tempo Comunidade) que eu pude continuar trabalhando e fazendo Inserção Orientada da Escola e na Comunidade. Essa forma de alternância propicia que o sujeito do campo possa estudar sem abandonar suas comunidades.

Minha vivência na Licenciatura em Educação do Campo me proporcionou um crescimento enquanto docente, minhas práticas pedagógicas mudaram a partir do momento que considerava o saber do estudante, fui mudando minha relação com os estudantes. Parti do princípio da ligação da vida com a escola.

No ano de 2012 fui convidado pela gestora Maria Santana Onofre de Paiva para assumir a coordenação pedagógica do Colégio Estadual Vale da Esperança, que foi outro marco histórico na minha vida enquanto educador. Vivenciar essa função me proporcionou um aprendizado maior, agora eu lidava não somente com os estudantes, mas também com os outros educadores, com os pais, e com a Subsecretaria de Educação de Formosa Goiás.

Enquanto coordenador pedagógico, olhei para minha prática, não apenas como um mediador do conhecimento, mas como um formador de educadores. Participar das reuniões pedagógicas com os educadores para propor ações que viessem a modificar as práticas da escola, o que foi um ganho muito grande, pois assim, durante esses quatro anos do curso, compartilhei com outros educadores uma compreensão da proposta da Educação do Campo.

Outro fator importantíssimo para minhas experiências na coordenação pedagógica foi a construção do PPP (Projeto Político Pedagógico), proporcionei juntamente com a gestora do Colégio Estadual Vale da Esperança uma construção coletiva, com a participação dos educadores, da gestora e do corpo administrativo.

CAPÍTULO I – METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a metodologia adotada para a realização da pesquisa, um breve histórico da escola e o levantamento de dados a partir de grupo focal com educandos e educadores do Colégio Estadual Vale da Esperança.

1.1- Instrumentos utilizados para a pesquisa

O grupo focal é uma técnica de pesquisa e se desenvolve partindo da situação problema a ser pesquisada. É necessário ter a compreensão das particularidades de cada participante do grupo, o pesquisador deve ser um facilitador ou moderador da discussão, compreendendo os diversos pontos de vista e o modo que os sentimentos vêm aparecendo mostrando significados relevantes para a pesquisa.

A pesquisa com grupos focais tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionários. (MORGAN; KRUEGER apud, GATTI, 2012, p. 09)

A escolha do grupo focal como instrumento de pesquisa foi para buscar significados das diferentes opiniões e relatos. Para isso foi necessário organizar um momento de reflexão sobre o tema, no qual os diferentes participantes pudessem expor suas opiniões e debater sobre suas intervenções, para que possamos compreender o processo de desinteresse e os critérios abordados pelos educadores, assim fazendo um elo entre o ponto de vista dos estudantes e dos educadores.

Os critérios para formação do grupo focal com os estudantes partiram do pressuposto de estudantes desinteressados e interessados, com base nos critérios de interesse e desinteresse apontados pelos educadores.

São estudantes do Colégio Estadual Vale da Esperança do Ensino Fundamental e Ensino Médio, na faixa etária de 15 anos a 40 anos do sexo masculino e feminino. E a formação do grupo focal com os educadores foram com os que atuam nas salas de aula e com a gestora do Colégio.

Para a elaboração do grupo focal é necessário levantar alguns critérios e os instrumentos utilizados pertencem à perspectiva da pesquisa qualitativa e são abordados a seguir.

Foram realizados dois grupos focais, um com estudantes e outro com professores.

- **Roteiro para o Grupo Focal com os estudantes:**

- 1) O que os estudantes gostam e o que não gostam no colégio
- 2) O que mais gostam de fazer no colégio
- 3) Como gostariam que fossem as aulas
- 4) O que gostaria que tivesse no colégio
- 5) Participação da família nos estudos
- 6) Metodologia usada por um determinado professor que o grupo aprecia e que não aprecia

- **Roteiro para o Grupo Focal com os educadores:**

- 1) O que os professores entendem por desinteresse e quais os critérios
- 2) Como definem aulas atrativas ou desmotivadoras
- 3) Tempos educativos considerados motivadores ou desmotivadores para o estudante
- 4) Opinião do grupo sobre a possibilidade de trazer a vivência dos estudantes para trabalhar os conteúdos
- 5) Participação da família na educação dos estudantes
- 6) Preparação da escola para receber as famílias e espaço das famílias na escola?
- 7) Como seria o espaço dos pais na escola

1.2 - Descrição da pesquisa

A pesquisa surgiu da necessidade de compreender o desinteresse dos estudantes do Colégio Estadual Vale da Esperança. Partindo do contexto histórico da escola, suas lutas e conquistas e posteriormente havendo uma ruptura de uma educação voltada para a realidade do campo, trazendo assim, uma educação com a pedagogia do Estado. Compreender os fatores que influenciam nesse desinteresse foi um desafio na e iniciou-se pesquisando os estudantes através de um grupo focal, na qual participaram dez estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental e 2ª e 3ª série do Ensino Médio.

Houve um esclarecimento do objetivo da pesquisa que foi compreender as causas do desinteresse dos estudantes para contribuir com um estudo do corpo docente, e melhorar o ensino e aprendizado dos estudantes. A pesquisa foi bastante aceita pelos estudantes que contribuíram significativamente com a pesquisa. No processo iam respondendo as perguntas e debatendo sobre o assunto, ora concordando uns com os outros, ora discordando e isso estimulava ainda mais o debate.

Outro grupo focal foi realizado com os educadores e com a gestora do Colégio. Foi fácil perceber a angustia desses educadores sobre o tema, pois no decorrer de todo o ano de 2012 realizaram várias reuniões para compreender e criar ações pedagógicas que pudessem interferir nessa problemática, de modo a envolver os estudantes no processo de aprendizagem.

Na medida em que iam respondendo as perguntas, os educadores iam fazendo várias reflexões, às vezes sobre suas metodologias de ensino, outras vezes sobre o descaso das Políticas Educacionais com os educadores do campo.

1.3- Histórico da escola

O Assentamento Vale da Esperança está situado no município de Formosa-GO a 70 km da sede zona rural. No ano de 1996 camponeses das diversas regiões do Brasil organizados pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais) e pelo STTR (Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais) acamparam na Fazenda Vale da Esperança.

As famílias precisavam de uma escola para seus filhos, pois entendiam ser a educação primordial na vida de uma pessoa. No segundo semestre de 1997 foram criadas no Acampamento turmas de 1ª a 4ª série em uma antiga casa da fazenda, com duas salas de aula e uma cantina, possibilitando assim, atender as crianças filhas dos moradores do assentamento.

Devido às dificuldades, naquele período também funcionou provisoriamente salas anexas durante alguns anos na sede da fazenda distante oito quilômetros do primeiro acampamento e distante a 10 km da Escola Municipal Fazenda Água Doce.

Havia muitos jovens e crianças estudando de 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental nas casas de familiares na cidade de Formosa Goiás. A comunidade e principalmente os pais, cujos filhos estavam na cidade decidiram que para o desenvolvimento da comunidade e principalmente a permanência das famílias no meio rural a educação seria fundamental, tendo-se iniciado uma longa e penosa jornada com reuniões, audiências, mobilizações em órgãos públicos, para a implantação das séries iniciais do Ensino Fundamental e posteriormente as séries finais.

Iniciou-se a construção de um Galpão improvisado para funcionar as salas anexas – Colégio Estadual Distrito de Santa Rosa. A construção do mesmo contou com recursos dos assentados em forma de doações como: madeira, dinheiro para comprar telhas, cimento, areia, a mão de obra etc. Em março de 1999 foi organizado um grande mutirão para a construção das salas improvisadas, tornando-se salas anexas ao Colégio Estadual Distrito de Santa Rosa para atender ao público de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, pois o primeiro ciclo (1ª a 4ª série) a prefeitura de Formosa atendia pela Escola Municipal Fazenda Água Doce, já então localizada dentro do Assentamento Vale da Esperança.

Em meados de Setembro de 1999, pais e educandos mobilizaram para buscar algumas estruturas para os recém assentamentos, entre elas estavam à construção da Escola 15 de Julho. Para buscar esta a comunidade e pais acamparam em frente à Prefeitura Municipal de Formosa, onde os educadores ministraram aulas em baixo de uma árvore na praça, Rui Barbosa em frente o prédio da mesma.

Em 2004 a subsecretaria de educação de Formosa criou o Colégio Estadual Vale da Esperança, atendendo a uma reivindicação dos trabalhadores

assentados. As educadoras contratadas pelo poder público, moravam no assentamento, e contribuiu ativamente na luta pelas conquistas da educação dentro do assentamento. Segundo os pais e educando era um bom ensino. As educadoras eram comprometidas com a melhoria de vida dos educandos e com o ensino público. Tinha uma proposta de educação voltada para a realidade dos educandos, inspirada pelo Educador Paulo Freire. A metodologia de ensino utilizada pelas educadoras fez com que melhorasse a vida dos estudantes, onde se sentissem críticos e sujeitos da história.

Ao final de 2004, chegou uma diretora da cidade de Formosa que não conhecia a realidade e a luta pela educação no assentamento. Fato que provocou uma ruptura com a prática pedagógica, tornando-se assim, uma escola bancária, distante da vida dos estudantes, criando assim uma cultura repressora, o que provocou a saída de muitos estudantes para a cidade. Esse tempo durou de 2004 até 2010.

Em 2011, houve uma tentativa pelo grupo gestor de construir uma filosofia educacional voltada para o campo, consolidando assim com mais ênfase no ano de 2012. Neste período de 2004 a 2010, os estudantes perderam a essência da escola ligada com a vida dos estudantes, isso contribuiu para que aumentasse o desinteresse dos estudantes pela escola.

Hoje a escola atende as séries finais do Ensino Fundamental de nove anos e o Ensino Médio. No período vespertino a escola atende do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e a primeira série do Ensino Médio e no período noturno o oitavo ano do Ensino Fundamental e da 1ª a 3ª série do Ensino Médio. Os estudantes dessa escola são filhos de assentados do P.A. Vale da Esperança, filhos de assentados do Pré Assentamento Água Viva e Pré Assentamento Florinda que iniciou em 2008 e filhos de caseiros das Fazendas vizinhas. Os estudantes dos dois Pré assentamentos em sua maioria em barracos de lona sem saneamento básico e sobrevivem de cestas básicas doadas pelo INGRA. Os estudantes do P.A. Água Viva andam em média 30 km até a escola e os estudantes do P.A. Florinda andam em média 20 km em um ônibus escolar que muitas vezes quebra, falta combustível, e, em consequência os estudantes faltam às aulas.

CAPÍTULO II- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO

A autora Roseli Caldart, entende que a Educação do Campo “nomeia um *fenômeno da realidade brasileira atual*, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas” (CALDART, 2012, p. 257, grifo da autora). Os sujeitos do campo lutam por dignidade no trabalho, por cultura, conhecimento e envolvem-se nas lutas sociais para o enfrentamento “entre os projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto. De país e de sociedade [...]” (idem). Assim faço algumas observações sobre os sujeitos do campo que participaram da pesquisa. Houve uma tentativa de organização dos estudantes através do Grêmio Estudantil, que ainda está em processo de criação, para o envolvimento dos próprios estudantes nas tomadas de decisão importantes dentro da escola. Como Caldart retrata muito bem, os sujeitos devem protagonizar suas próprias lutas, seja criando o Grêmio Estudantil, seja participando das várias decisões existentes na escola.

É fundamental uma mudança na estrutura organizacional da escola para que haja uma consciência de mudança entre os estudantes, educadores e as famílias que estão envolvidas diretamente na escola. Que essa mudança seja efetivada ou projetada por vários segmentos (educadores, grupo gestor, educandos, pais e comunidade) levando em consideração todo contexto histórico. *“Educação do Campo, do tipo de “consciência de mudança” que ele materializa ou projeta, e de que relações fundamentais constituem seu breve percurso histórico.”*

A “Pedagogia do Estado” que Caldart retrata muito bem quando diz que *“reafirmar em nosso tempo que não deve ser o Estado o educador do povo”* (p. 262) provocou uma grande luta entre o fazer pedagógico diferenciado e aceitar a forma pedagógica proposta pela SEDUC – Goiás (Subsecretaria de Educação de Formosa). A Matriz Curricular proposta é unificada para todo o estado, tornando assim difícil o trabalho como princípio formativo, onde devemos levar o alunado a compreender o meio em que vivem, respeitando o Meio Ambiente, correlacionando o

trabalho na roça com o conteúdo na escola. Um dos objetivos do atual secretário da educação é unificar o aprendizado do aluno, e sabemos que cada aluno tem sua particularidade, principalmente os estudantes do campo. Essa Pedagogia do Estado se contrapõe ao que Caldart relata sobre a práxis pedagógica que tem como objetivo projetar o futuro vinculando formação humana e produção material da existência, em um vínculo com diferenciadas formas de produção, com o trabalho associado livre, com valores e compromissos políticos, com lutas sociais que combatem toda uma contradição hegemônica (CALDART, 2012, p. 263)

2.2 - EDUCAÇÃO RURAL

O colégio Estadual Vale da Esperança, de 2004 até 2011, adotou uma característica concreta da Educação Rural que Marlene Ribeiro (2012) descreve. Para os povos camponeses, quando existe escola nas suas comunidades, é oferecida somente uma mesma educação unificada das escolas urbanas, não existe nenhuma tentativa de adequar a escola aos interesses dos sujeitos do campo “A escola procurou formar grupos sociais semelhantes aos que vivem nas cidades, distanciados de valores culturais próprios” dificultando assim o acesso às multiplicidades de culturas populares. (RIBEIRO, 2012, p.293).

Trabalhar de forma diferenciada a educação dos povos camponeses, articulando com o trabalho nas lavouras, tornou-se um desafio para o grupo gestor do colégio Estadual Vale da Esperança no decorrer do ano de 2012, pois lida com adolescentes do campo com expectativa de vida urbana, já que não encontram no campo um meio de sobrevivência.

A partir do momento em que esses estudantes camponeses não encontram na escola incentivo para permanecer no campo, também não percebem que o campo é o melhor lugar para se viver, pois quando se mudam para a cidade, certamente vão para as periferias, sem emprego. A escola urbana desvaloriza a cultura e os saberes; mas nossos alunos continuam com o desinteresse escolar.

É preciso mostrar a importância de se formar intelectualmente para combater o modelo produtivo aí existente e propor melhorias de vida. Essa melhoria

está ligada ao trabalho que o camponês desenvolve na terra e dentro da escola. Ribeiro mostra que se a escola é um lugar onde só se estuda, essa forma de estudar nada tem a ver com o trabalho do camponês. (Ribeiro 2012, p.294)

Isso nos remete a um olhar crítico sobre o fazer pedagógico do Colégio Estadual Vale da Esperança, que em um período anterior descentralizou o aluno como protagonista, como se fosse um sujeito pacato sem vida, e limitou-se apenas em vencer um conteúdo proposto para um ano letivo. O aluno somente irá aprender um conteúdo seguinte, se ficar bem entendido o conteúdo anterior. Logo, o interesse pelo conteúdo será maior, caso contrário o aluno não aprendendo o conteúdo atual, os subsequentes não serão interessantes, nisto ocorre um desinteresse pelo conteúdo. Quando o professor acelera os conteúdos sem antes diagnosticar o aprendizado, pode incorrer em danos significativos na apropriação das aprendizagens dos estudantes.

2.3 - ESCOLA DO CAMPO

A escola do campo não é somente aquela que está inserida na zona rural, mas sim, uma escola que atende as necessidades dos povos camponeses, apropriando-se das ciências e valorizando a vida dos sujeitos do campo. Uma escola que tem nas suas relações a consciência de uma sociedade mais justa e menos opressora.

“A intencionalidade de um projeto de formação de sujeitos que percebam criticamente as escolhas e premissas socialmente aceitas, e que sejam capazes de formular alternativas de um projeto político, atribui à escola do campo uma importante contribuição no processo mais amplo de transformação social!” (MOLINA; SÁ, 2012, p. 325)

O colégio Estadual Vale da Esperança está com um propósito de desconstruir a escola rural e construir uma escola do campo. A forma que a escola se encontra totalmente desligada da vivência do aluno e o aluno desligado da vivência da escola, cria conflitos entre o professor e o aluno, pois esses professores trabalham de forma que o aluno seja um mero espectador, sem oportunidade de

opinar e de construir juntamente com o professor outros meios de tornar as aulas mais interessantes.

A aula passa a ser interessante a partir do momento que o aluno se interessa por ela, e como uma pessoa pode se interessar por algo sem conhecer? As metodologias usadas são distantes dos estudantes a partir do momento que não são levados em consideração o saber e a vivência dos mesmos. As aulas só se tornarão interessantes a partir do momento que o professor articular a cultura e o saber do aluno com os conteúdos curriculares.

Para uma escola se contrapor a essa educação rural e construir uma educação voltada aos interesses dos sujeitos do campo, será preciso mexer na estrutura organizacional e pedagógica, desarticulando as formas hegemônicas cristalizadas e reorganizar toda a estrutura escolar, que envolve gestão, PPP e currículo.

Devemos levar em consideração que a educação é uma forte ferramenta para essa transformação social e que devemos estar cientes de que um projeto que forme pessoas críticas e organizadas para se contrapor ao modelo hegemônico é tão fundamental quanto os conteúdos, pois não devemos negar o conteúdo e também não devemos negar a construção de um ser crítico e que saiba lidar com o coletivo. Como Molina e Sá (2012, p. 325) afirmam, a intelectualidade deve estar em função da coletividade, formar intelectuais coletivos. E ainda retratam que a formação desses intelectuais dependerá da forma que a escola lida com o mundo do trabalho e as organizações políticas e culturais.

Quando nos referimos em transformação social, queremos lutar por uma sociedade menos opressora, que os oprimidos assumam como sujeitos construtores da história. Paulo Freire trata muito bem na Pedagogia do Oprimido que o autor Miguel Arroyo aborda como uma necessidade de assumir a inseparabilidade do conceito ao contexto cultural e político que é próprio da produção do conhecimento. (ARROYO, 2012, p. 555 e 556). Neste sentido, podemos observar a relação dos educadores do Colégio Estadual Vale da Esperança com os estudantes e suas vivências.

O colégio Estadual Vale da Esperança tem dois perfis de educadores, os que não moram na comunidade e os que moram. Os educadores que não moram na comunidade são os que saem da cidade para trabalhar no colégio, esses não participaram das lutas da comunidade, e por isso têm grandes dificuldades de

trabalhar com a vivência dos estudantes; assim, são educadores que apenas seguem rigorosamente os conteúdos impostos pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás.

Os educadores da comunidade que trabalham no Colégio são pessoas que contribuíram na luta por uma educação dentro da comunidade, outros são educadores que já estudaram na escola e conhecem toda a luta e vivência da comunidade.

A escola deve ter o que Arroyo diz: “[...] dimensões formadoras e educativas que perpassam essas vivências, educam-se, e, nesse movimento, reconhecem os oprimidos como sujeitos de saberes, de culturas e de modos de ler o mundo e de pensar-se.” (ARROYO, 2012, P. 558) É preciso compreender todas as dimensões formadoras que envolvem a vida do estudante, como a família, associações em que estão inseridos, a igreja que esses alunos frequentam. Dentre outros, esse movimento de levar em consideração todos os aspectos que podem ser formativos, saberes diferenciados que devem ser valorizados pela escola, fazendo parte da matriz curricular da escola.

O colégio Estadual Vale da Esperança tem como matriz curricular somente os conteúdos que chegam para serem trabalhadas da Secretaria de Educação do Estado. Por isso, alguns professores se prendem somente nesta matriz, mas sabemos que é importante fazer uma junção desses conteúdos com os saberes dos alunos. Como Arroyo relata, toda ação pedagógica seja nos movimentos sociais ou nas escolas do campo deverá considerar as formas históricas e diversas das relações sociais de opressão-libertação. (ARROYO, 2012, p. 559)

As escolas do campo são um grande laboratório natural de estudo, que pode ser utilizado como ferramenta para ocupar o latifúndio do conhecimento. No caso do Colégio Estadual Vale da Esperança, podemos levar em consideração o Arroyo nos remete a refletir, quando diz que “Terra é mais do que terra. É o espaço em que o ser humano se defronta primeiro com a natureza, como força e como produtora de vida.” (ARROYO, 2012, p. 560), esses espaços de pesquisa, onde os educandos podem retirar grandes conhecimentos da terra, do meio em que vivem.

“O trabalho na terra carrega sua pedagogia: terra matriz formadora” (ARROYO, 2011) Da terra podem retirar, além da alimentação, conhecimentos teóricos a partir da prática e da vivência dos estudantes, conteúdos importantíssimos

para trabalhar com os estudantes do campo. Nisto, existe um ligamento da escola com a vida, pois é da terra que o estudante se utiliza para sobrevivência; se está inserida nos conteúdos, torna-se terra matriz de formação.

2.4 - A escola Única do Trabalho: explorando os caminhos de sua construção

Freitas (2010) nos remete a refletir sobre o papel da escola na sociedade capitalista. Para que e para quem serve a escola? A educação que serve a classe dominante é uma forma de monopolizar o conhecimento, manipular as ideologias da juventude atual.

Nos acostumamos com a escola em sua forma atual, e tanto, que não podemos mais conceber a formação humana fora da escola. Esta, quando reconhecida, é sempre definida em contraposição à escola, como educação não escolar, ou seja, de segunda categoria, assistemática ou informal. (FREITAS, 2010, p. 155)

Os conteúdos fragmentados e de forma isolada da vida do estudante, tornaram-se um facilitador da classe dominante para alienar e monopolizar a formação das crianças, jovens e adultos que frequentam as escolas. É importante salientar o papel das escolas do campo. Existe um estereótipo de rural, como o atrasado, o que “qualquer coisa serve”. Podemos observar um dos personagens de Maurício de Sousa, o Chico Bento. Nas histórias de quadrinhos do Chico Bento podemos fazer uma análise da vida do personagem, da forma que fala e da forma que trabalha na roça, entre outras observações da sua vida. Neste sentido, quero chamar atenção sobre a visão que muitos têm dos povos do campo, logo, dos estudantes do campo, como atrasados.

Essa visão manipulada pelo capital através das políticas públicas influencia no ensino e aprendizado dos estudantes do campo. Essa ideia de que “qualquer coisa serve”, se inicia nas políticas, como por exemplo, no processo seletivo simplificado para contrato temporário de professores de rede estadual de Goiás. O edital desse concurso de seleção é bem claro quando diz que para a Zona Urbana o contratado deve ter como obrigatório o nível superior completo, já para Zona Rural pode ter nível médio cursando superior.

Sabemos que para o campo não é qualquer coisa que serve, devemos trabalhar com o campo com os melhores profissionais, os que compreendem o processo de ensino e aprendizado como fundamental para adentrar no latifúndio do conhecimento, e quebrar essa hegemonia. Como afirma Freitas: “As classes dominantes necessitavam de uma instituição que monopolizasse e homogeneizasse a formação da juventude, colocando-a em sintonia com a sociedade que a cerca – como consumidores e como força trabalho, submetido à lógica do capital” (FREITAS, 2010, p. 155)

A escola do interesse do capital para a classe trabalhadora não ensina o que é necessário para a formação integral de um ser humano, mas sim, ensina o que é de suma importância para o capital, ou seja, formar mão de obra barata. Um grande avanço para a classe trabalhadora foi estar dentro de uma escola estudando, mas, como Freitas coloca muito bem é que mesmo estando dentro da escola, boa parte continua sem aprender. (FREITAS, 2010) E o que é pior, assassina o direito da classe trabalhadora de possuir o conhecimento científico e a obriga a esquecer do conhecimento popular.

Neste sentido, a escola precisa estar preparada para receber as crianças, jovens e adultos do campo, da classe trabalhadora. Sabemos que o campo do conhecimento é amplo e a escola é um espaço de transmitir e socializar esse conhecimento. E existem razões claras para não repetirmos essa escola a serviço do capital. É preciso ter consciência de uma Educação que liberta e não aprisiona os estudantes. Como afirma Freitas:

Nossa concepção de educação nos informa que, se são várias as agências formativas, nosso campo educacional não se limita à escola, mas transborda em relação ao meio natural e social. Por esse caminho, a vida é a nossa referência [...] (FREITAS, 2004, p. 158)

É preciso compreender que a escola precisa estar ligada com a vida do estudante, pois a educação vai além do âmbito escolar. O estudante inicialmente aprende com a família, com a igreja, com os grupos de amigos e também com a escola. Antes do estudante frequentar a escola ele já tem uma formação prévia. E cabe à escola trabalhar com essas informações trazidas pelo estudante. As escolas do campo têm sua particularidade e Freitas fala que a educação no campo não pode ser a mesma da educação urbana, ainda que os conteúdos escolares venham ser os mesmos. (FREITAS, 2010, p. 158)

A questão a ser construída é:

[...]a formação em ligação com este meio, recuperando os “movimentos naturais” da ação da juventude. Tais ligações ocorrem na área cultural, história, social e econômica. Ocorrem nas lutas, nas contradições da vida, e também no contato com a natureza. Esta “aprendizagem” não deve ser deixada ao acaso – deve ser planejada como parte da formação da juventude. (FREITAS, 2010, p. 159)

A escola a serviço do capital está fundamentada nos pilares da corrupção, monopolização, alienação, opressão, fragmentação do conhecimento. Podemos observar na forma da escola. Uma gestão que dá ordens, uma sala com cadeiras enfileiradas, um atrás do outro, onde não é permitido sair sem permissão do professor e são monitorados a todo tempo. Por outro lado, a escola a serviço da classe trabalhadora deve ter um espaço de aula de forma que possibilite uma melhor socialização dos estudantes, uma escola que esteja a serviço da vida dos estudantes, tanto na vida familiar quanto na vida social.

Uma sugestão de Freitas é a partir da organização dos complexos de estudo. “A noção de complexo de estudo é uma tentativa de superar o conteúdo verbalista da escola clássica, a partir do olhar do materialismo histórico-dialético, rompendo com a visão dicotômica entre teoria e prática.”(FREITAS, 2010 p. 165)

2.6– PEDAGOGIA SOCIALISTA

A pedagogia socialista opõe-se à concepção burguesa de educação. Trata-se de uma pedagogia que visa à transformação da sociedade, com igualdade de oportunidades. Ciavatta e Lobo (2012, p. 561) afirmam que “a elaboração teórica e prática de uma pedagogia socialista” que valoriza a igualdade dos homens, sempre esteve vinculada às experiências de luta social e política. Essa pedagogia socialista retratada pelas autoras nos remete a um olhar atento para as práticas pedagógicas em um país como o Brasil, que por sua vez, vivencia nos dias de hoje um capitalismo cruel, assassino, corrupto entre outros adjetivos mais.

Quando estudamos sobre a Pedagogia Socialista russa, mexicana, da Revolução Cubana, a Pedagogia Libertária na Espanha e uma pequena influência da Pedagogia libertária no Brasil, podemos compreender a necessidade de uma educação na perspectiva da pedagogia socialista no Brasil. Essa que amplia o campo da pesquisa, que dissemina o conhecimento para a classe trabalhadora. Como na pedagogia libertária na Espanha:

A construção do socialismo na liberdade, a atitude ativa e livre em espaços liberados de coações, um modo educativo na liberdade das paixões e dos desejos, o fazer-se livre, a educação pela liberdade e a liberdade pela educação são as bases do processo formativo do ser humano segundo esta tradição. (CIAVATTA E LOBO, 2012, p.568)

Neste sentido, é preciso compreender a liberdade como forma de educar nossas crianças, jovens e adultos da classe trabalhadora que estão nas escolas, para que possam viver dias melhores. A liberdade em prol da educação e a educação em prol da liberdade. Atitudes libertárias partindo da escola fazem uma grande diferença no aprendizado dos estudantes, porém os estudantes precisam compreender que a liberdade não é aquela sem regras, mas, uma libertação que se contrapõe à opressão contra a classe trabalhadora.

CAPÍTULO III- APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Este capítulo consiste em analisar os dados coletados na pesquisa realizada com estudantes e educadores do Colégio Estadual Vale da Esperança, dividido em quatro categorias: O desinteresse dos estudantes pela escola; Aula como obrigação e a escola como diversão; Professores desmotivados e conteúdos.

Os participantes vivenciam o tempo todo com desinteresse tanto os estudantes quanto os educadores. As categorias a seguir estão articuladas com as análises para suscitar o ponto de vista dos estudantes e dos educadores sobre o tema abordado, levantando questões das problemáticas e possíveis soluções a partir da concepção da Educação do Campo. “A análise é um processo de elaboração, de procura de caminhos, em meio ao volume das informações levantadas” (GATTI, 2012, p. 44)

3.1- O desinteresse pela escola: aula como obrigação e escola como diversão.

Aqui apresentamos as respostas do grupo focal, envolvendo as questões relacionadas ao que os estudantes gostam e o que não gostam de fazer no colégio.

“Gosto de encontrar os amigos para conversar e não gosto quando os professores pega no pé.”

O Assentamento Vale da Esperança não tem um lugar onde os jovens possam se encontrar para dialogar, socializar as vivências, e os estudantes priorizam a escola para esse momento de “colocar o papo em dias” deixando para segundo plano os estudos, pois a escola oferece quinze minutos de intervalo, oportunizando esse espaço de socialização. Neste sentido, a escola deve atender as necessidades dos jovens, deve conter no seu PPP (Projeto Político Pedagógico) momentos que possam ser educativos para socialização das ideias, socialização da vida dos estudantes. Assim, a escola estará trabalhando com a vida.

“Gosto de jogar bola, do lanche do colégio e de estudar, não gosto quando me chamam na secretaria por que estou atentando.”

Como é relatado, a escola precisa ser viva, não viva no sentido de existir vida dentro dela, mas, uma escola onde estudantes, família, comunidade e educadores possam ter prazer de frequentar, nisto, deve ter momento de esporte, como o grupo de estudantes relata, e deve conter momentos de interação. A escola deve atender a todas as necessidades dos estudantes, respeitando as particularidades de cada um, porém, de forma pedagógica.

A escola precisa estar vinculada com a vida dos estudantes, separar escola da vida é uma forma de desmotivar os estudantes, deixar a escola sem vida, e não conceber o desinteresse e tentar combatê-lo.

“Gosto de estudar e conversar e não gosto quando não tem aula.”

Quando fala que não gosta quando não tem aula, expõe a necessidade de se ter um local na comunidade que possam encontrar os amigos para conversar, pois é na escola o espaço dessa convivência. Nesse ideário, podemos afirmar que a escola deve abranger todos os espaços da vivência dos estudantes, para que os estudantes passam a gostar de frequentar a escola com o objetivo de interagir e estudar, isso não significa que não haverá aplicação do conteúdo, pelo contrário, enriquecer os conteúdos ao dialogar com a vida dos estudantes. Outro fato colocado foi:

“gosto do conhecimento que obtenho e não gosto de trabalhos em grupo.”

Quando o estudante fala que não gosta de trabalho em grupo, diz respeito aos estudantes que aproveitam desse momento para obter a nota necessária sem esforço, isso acontece porque as relações na escola giram em torno do obter nota, números, estão preocupados não com o aprendizado e sim com o quantitativo exigido pelas secretarias de educação. Relata:

“muitos falam que por serem colegas, eles escoram, pois não tem sonhos, não tem meta nenhuma. E tem muitas coisas que alguns professores falam na sala não motiva, muitas vezes tenho vontade de sair da sala. O professor não sabe ensinar, sabe para ele e não para passar para os outros. O professor quando é bom tem que saber ensinar”.

Esse relato mostra a metodologia do Educador, a forma de transmitir o conhecimento que, nesse caso, não desperta o interesse do educando. O ideal seria mediar o conhecimento. Muitas vezes a metodologia adotada pelo professor faz com que o estudante perca o interesse por aquela aula, assim, não consegue compreender o conteúdo, logo, não irá permanecer na sala, não conseguirá prestar atenção naquilo que o educador quer ensinar. A dificuldade de aprendizado pode estar ligada ao comportamento do estudante e à metodologia do educador. É feita a seguinte pergunta para os educadores: O que vocês entendem por desinteresse dos estudantes e qual o critérios? Responde o educador:

“Os alunos saem de casa desmotivados e chega na escola e nossas aulas não são estimulantes, pois as aulas não é dinâmica e não desperta o interesse pela pesquisa, pelo querer aprender. Temos um modelo de aula que não é estimulante de forma alguma.”

Quando a estudante diz que os alunos não têm sonhos, chama atenção para refletirmos sobre esses sonhos, de quais sonhos estamos falando. Já quando é relatado que o professor não motiva, então temos estudantes sem sonhos e professores que não motivam, é uma junção de um caminho para o fracasso. É preciso compreender as lutas dos estudantes para motivá-los a continuar lutando, as lutas dos povos camponeses são imensas e a escola não ensina como manusear as ferramentas das lutas, ensina apenas as disciplinas fragmentadas.

Como podemos perceber, o desinteresse está vinculado à dificuldade de aprendizado, essa dificuldade pode ser pelo emocional, cognitivo, social, pedagógico, orgânico e cerebral, porém, os fatores agravantes desse desinteresse, a partir da pesquisa, foram o emocional, pedagógico e social.

No que diz respeito ao emocional, as aulas devem mexer com a emoção dos estudantes, ser motivadoras, ter sentido para a vida dos estudantes. Como relata:

“gosto quando tem uma atividade diferente. Tem professor que liga o computador e deixa a gente lendo. O professor tem que ter uma meta de trabalho e não deixar que o aluno aprenda se quiser.”

Uma educadora também traz a reflexão sobre a emoção do estudante:

“Atrativa é uma aula que esteja ligada com a emoção, uma aula que desperta o lado da emoção para gerar aprendizagem, a aula tem que chamar a atenção, uma aula que atrai é uma aula que tem significado para a pessoa.”

A meta citada pelo grupo de estudantes poderá ser compreendida através de um planejamento feito pelo educador, onde deverão constar os objetivos daquela aula, e o educando deverá ter clareza desses objetivos. Outro fator fundamental é a metodologia aplicada pelo educador, como podemos perceber que o estudante procura uma aula interativa, onde o educador possa ser o mediador do conhecimento. As aulas, sejam elas na sala de aula ou em outro espaço pedagógico, deverão ter uma intencionalidade. Os estudantes do Colégio Estadual Vale da Esperança por diversas vezes se manifestam contra as metodologias adotadas por alguns educadores. Como dizem Molina e Sá:

“A concepção de escola do campo se insere também na perspectiva gramsciana da Escola Unitária, no sentido de desenvolver estratégias epistemológicas e pedagógicas que materializem o projeto marxiano da formação humanista omnilateral, com sua base unitária integradora entre trabalho, ciência e cultura, tendo em vista a formação dos intelectuais da classe trabalhadora.”(MOLINA e SÁ, 2012, p. 325)

Quanto ao pedagógico, o Colégio Estadual Vale da Esperança precisa ter uma intencionalidade de uma escola do campo, que deverá estar clara para os estudantes, para as famílias, para a comunidade e para todos que de alguma forma fazem parte da escola. As escolhas dos objetivos e da filosofia da escola devem ser discutidas e aprovadas por todos os segmentos da escola, incluindo a comunidade na qual está inserida. A construção do PPP (Projeto Político Pedagógico) não deve ficar sob a responsabilidade somente do grupo gestor, mas deverá ter a participação do segmento gestor, da coordenação, educadores, estudantes, pais e comunidade, assim a responsabilidade será de todos. Uma escola onde todos participam terá uma educação de qualidade e atenderá as necessidades de todos. E para uma escola do campo é importante que tenha a participação dos movimentos sociais, como relata Arroyo “que toda ação pedagógica seja nos movimentos sociais ou nas escolas do campo deverá considerar as formas históricas e diversas das relações sociais de opressão-libertação.” (ARROYO, 2012, p. 559)

O desinteresse dos estudantes não está na escola, mas sim na proporção de educação que esta escola oferece, na pedagogia do Estado, que desvaloriza os saberes dos estudantes e coloca o professor como o dono dos saberes. Como Caldart retrata muito bem quando usa o conceito da Pedagogia do Estado, “reafirmar em nosso tempo que não deve ser o Estado o educador do povo.” (p.262)

A educação imposta pelo Estado para as escolas do campo é uma forma de negar o acesso ao conhecimento científico e formar mão de obra barata para sustentar os interesses de uma minoria que detém o poder. Essa educação do Estado separa a escola de qualquer outra forma que possa ser formativa fora dela.

Neste ideário, o desinteresse dos estudantes, das famílias e da comunidade pela escola é uma forma de contrapor essa ideologia de educação capitalista, opressora. O Colégio Estadual Vale da Esperança deverá mudar sua estrutura pedagógica partindo da concepção de que não é somente na escola que se pode formar um sujeito, não é somente na escola que existe uma matriz curricular. Podemos observar ao sair da escola, que existe um grande laboratório de ciências como a terra, a natureza, o meio social e político da comunidade na qual esta escola está inserida. Como retrata Arroyo “Terra é mais do que terra. É o espaço em que o ser humano se defronta primeiro com a natureza, como força e como produtora de vida.” (ARROYO, 2012, p. 560)

Partindo dessa concepção de que o trabalho na terra é uma pedagogia, tornando-se uma matriz formadora (ARROYO), estaremos ligando a vida do estudante com a escola, e, por sua vez a escola será mais viva para os estudantes. Os educadores precisam trabalhar com essas particularidades que o campo oferece. Como os estudantes fazem uma reflexão sobre o desinteresse dos estudantes:

“O que faz o aluno ficar desinteressado é ele não conseguir aprender e o professor não conseguir mudar a maneira de ensinar para que ele possa aprender.”

Esse educador está bitolado na forma de ensinar tradicionalmente pelas escolas de forma geral, na forma que ignora a vivência do aluno, e não busca alternativas de dialogar com o estudante para socializar o conhecimento popular do conhecimento científico. Os estudantes do Colégio Estadual Vale da Esperança sugerem metodologias diferenciadas como os estudantes relatam:

“gosto quando tem uma atividade diferente e não gosto quando tem aulas chatas.”

Essa aula diferente poderá ser construída coletivamente, pode ser de forma que os estudantes irão trocar os saberes, associando com os saberes científico. Um novo jeito de ensinar nas escolas do campo valorizando o coletivismo, compreendendo o contexto histórico de um campo, considerando o trabalho e os movimentos sociais e outras organizações como pedagogia, logo será uma escola do campo sempre em movimento. Como Molina e Sá afirmam

A possibilidade do exercício deste papel fundamental da escola do campo, contribuindo para a formação desse intelectual coletivo, dependerá da forma pela qual esta escola estiver conectada ao mundo do trabalho e às organizações políticas e culturais dos trabalhadores do campo (MOLINA E SÁ, 2012, p. 325)

Outra problemática encontrada na pesquisa são fatores de vivência que contribui para a desmotivação, onde alguns desses estudantes vivem em condições habitacionais precárias, sem saneamento básico vivendo em barracas de lona. Algumas famílias sofrem com o problema de alcoolismo. Podemos perceber que há estudantes responsáveis por cuidar dos irmãos mais novos. Esses fatores influenciam no ensino e aprendizado.

Tratando-se de tal problemática, para um sucesso no aprendizado, os educandos precisam ter uma moradia digna, um ambiente saudável para viver. As Políticas Públicas dos Assentamentos da Reforma Agrária precisam ser mais eficientes e adequar às necessidades dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Essa luta que os movimentos sociais vêm traçando historicamente com o poder público, precisa ser abordada na escola, pois essas problemáticas fazem parte da vida dos estudantes. Como afirma Caldart: “Educação do Campo, como prática social ainda em processo de constituição histórica, tem algumas características que podem ser destacadas para identificar, em síntese, sua novidade ou a “Consciência de mudança” que seu nome expressa.” (p. 261)

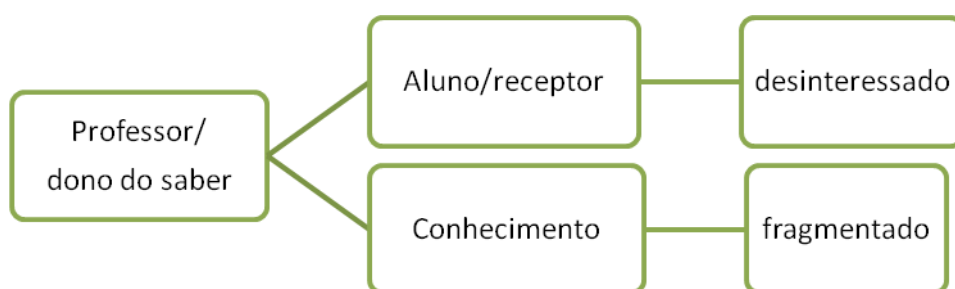
Todos esses fatores abordados que causam o desinteresse dos estudantes devem ser discutidos nas reuniões pedagógicas e que a escola possa envolver a comunidade para analisar as causas dessa problemática e propor ações que possam contribuir para que os estudantes possam vivenciar dentro da escola o

que já vivenciam fora dela. Que a escola possa compreender que a formação das crianças, jovens e adultos do campo não é somente no âmbito escolar, mas sim em todo o âmbito da sociedade em que vivem. E para que a escola possa compreender e se envolver nessa vivência será preciso criar ações pedagógicas juntamente com a comunidade, conhecer a comunidade na qual a escola está inserida, pois o que muito se encontra é uma escola isolada.

É possível compreender o desinteresse dos estudantes quando a escola faz uma formação igual aos povos urbanos, desvalorizando a cultura local, a cultura de um povo trabalhador do campo.

3.2 – Professores desmotivados e conteúdos corridos.

É importante salientar a metodologia adotada pelos educadores. Deve-se pensar na metodologia como uma contraposição ao fazer pedagógico da escola capitalista, que tem como viés a ausência do trabalho como princípio educativo, que faz do conhecimento grandes fragmentações e que parte da lógica do autoritarismo. Vejamos o esquema a seguir:



A educação do autoritarismo é um dos fatores responsáveis pelo desinteresse dos estudantes. O professor é o dono do saber, o aluno é mero receptor do conhecimento fragmentado que através do “decoreba” deverá devolver para o

professor por meio de provas, essas que não formam o estudante, mas reproduzem o conhecimento não adquirido que não serve para a vida. Como expõe o grupo de estudantes pesquisado:

“Gosto da metodologia quando o professor interage com o aluno, passando atividades e voltando quando não aprendemos, e não quando explica um conteúdo hoje, o aluno não aprendeu, no outro dia já explica outro conteúdo e na hora da prova quer resultado.”

Este aprendizado só será possível a partir do momento em que o que se quer ensinar estiver ligado com a relação pessoal/social do estudante, onde os estudantes possam compreender a importância de se organizar, que possam saber lidar com a terra de forma pedagógica, que possam trazer para a sua vivência escolar as culturas da comunidade e dos povos que vivem na comunidade, que o aluno possa problematizar seu conhecimento para romper com a lógica do capital. A fragmentação do conteúdo, apenas para vencer o currículo do Estado, sem fazer uma aliança com os conteúdos ensinados pela relação social, é um ponto de partida para esse desinteresse. Como diz Freitas:

A escola produz a aceitação da vida e a submissão do aluno às regras vigentes e, em relação à classe trabalhadora, continua a sonegar conhecimento, distribuindo-o, quando o faz, segundo o nível que é esperado pelas condições gerais de funcionamento do processo de acumulação de riqueza. (FREITAS, Luiz Carlos, 2010, p. 156)

Precisamos de uma educação que passe a olhar para o processo educativo na sua totalidade e não em partes desse processo, devemos levar em consideração que todo espaço na escola é de pedagógico de alguma forma. Vejamos a representação a seguir:



As relações devem estar interligadas entre si, o professor deverá ser o mediador do conhecimento, aquele que ensina e aprende com o aluno. O trabalho socialmente útil deve estar ligado com as práticas dos estudantes e dos professores e o conhecimento interagindo em todos os espaços da escola, o conhecimento científico, social, cultural, político entre outros conhecimentos. A escola não pode oferecer somente um conhecimento, o que é comum observar nas relações do Colégio Estadual Vale da Esperança, mas deve ter em suas relações todos os conhecimentos, para que haja uma formação política, social, científica e até cultural.

Devemos compreender a relação social do estudante como conteúdo a ser ensinado na relação escolar. Na escola do campo, mesmo que os conteúdos venham a ser os mesmos da escola urbana, devemos quebrar o paradigma do currículo fragmentado. Devemos planejar por área do conhecimento e valorizar os saberes já adquiridos numa relação social/cultural.

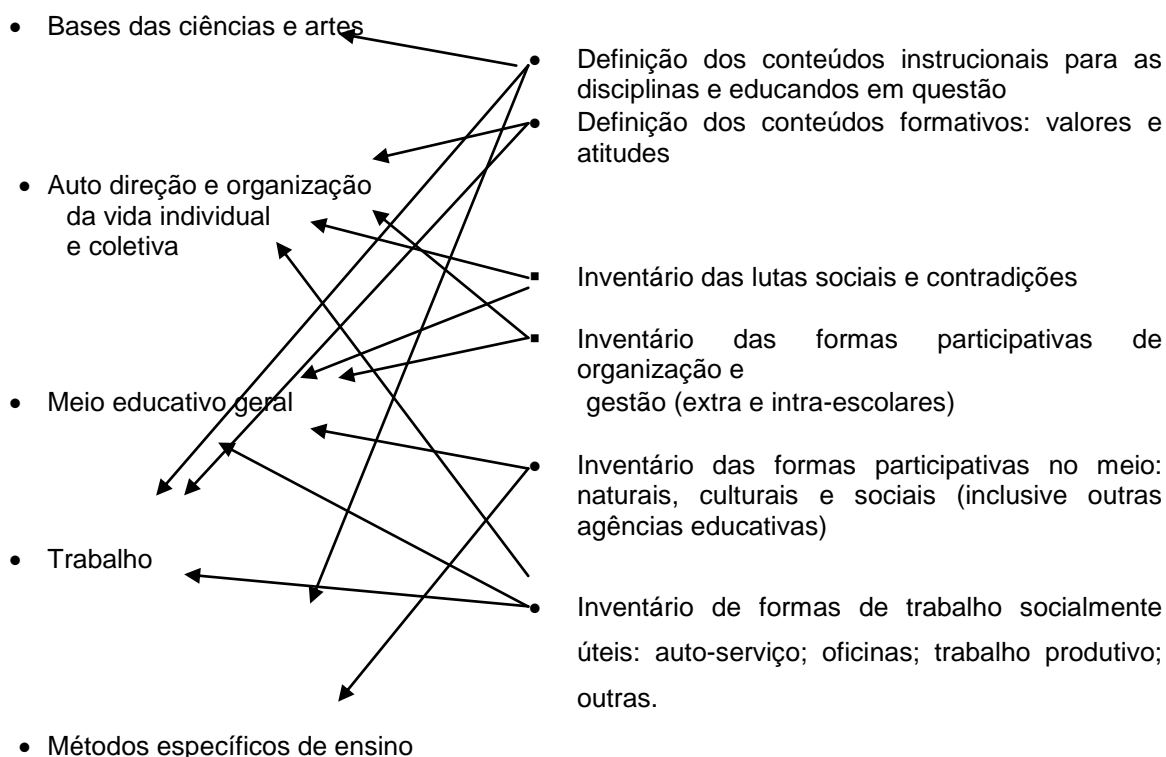
[...]a formação em ligação com este meio, recuperando os “movimentos naturais” da ação da juventude. Tais ligações ocorrem na área cultural, história, social e econômica. Ocorrem nas lutas, nas contradições da vida, e também no contato com a natureza. Esta “aprendizagem” não deve ser deixada ao acaso – deve ser planejada como parte da formação da juventude. (FREITAS, 2010, p. 159)

Como momento de reflexão, essa ligação com o meio tratada por Freitas deve estar ligada ao currículo da escola, pois o currículo é uma importantíssima

ferramenta para analisar criticamente a realidade. Freitas sugere uma organização através dos complexos de estudo. “A noção de complexo de estudo é uma tentativa de superar o conteúdo verbalista da escola clássica, a partir do olhar do materialismo histórico-dialético, rompendo com a visão dicotômica entre teoria e prática.” (FREITAS, 2010 p. 165)

Este complexo parte do tripé: Trabalho; Natureza; sociedade. É preciso fazer um levantamento das redes que tecem as relações sociais dos estudantes. O inventário proposto por Freitas (2010) nos leva a pensar nos aspectos fundamentais sobre o meio onde a escola está inserida, das forças sociais que tencionam o modo de produção da vivência dos sujeitos camponeses.

INVENTARIANDO O MEIO



Fonte: (FREITAS, 2010)

“A finalidade do planejamento geral dos complexos é marcar um certo nível de abrangência que deverá ser desenvolvido pela escola com a finalidade de evitar desníveis na formação dos jovens entre as escolas.” (FREITAS, 2010, p.)

A formação oferecida pela escola nesta abrangência torna-se um desafio para os educadores, educandos, família, comunidade e sociedade, devemos compreender os tipos de relações existentes e a quem são favorecidos. Como sugerido por Freitas, o inventário contribui para a criação de uma escola diferenciada das escolas do capital, uma escola que assume os saberes coletivos e populares. Compreender as categorias formadas por Freitas, torna um primeiro passo para a construção da escola que queremos.

Identificando as fontes educativas do meio por Freitas:

- 1) Inventário das lutas sociais e das principais contradições vivenciadas na vida local, nacional e mundial.
- 2) Inventário das formas de organização e de gestão dentro e fora da escola em nível local, nacional e mundial.
- 3) Inventário de fontes educativas disponíveis na vida local, no meio, de caráter natural, histórico, social e cultural. Inclui-se aqui a identificação das variadas agências educativas existentes no meio social local.
- 4) Inventário de formas de trabalho socialmente úteis que incluem entre outros, o autosserviço, as oficinas escolares, o trabalho produtivo e as agências em que se desenvolvem. (FREITAS, 2010, p.)

Conceber o meio em que vivemos como fonte pedagógica, nos faz pensar numa educação que liberta da prisão do capital. Freitas propõe um esforço para definir os passos pedagógicos da escola. Temos as bases das ciências e artes interligadas com os conteúdos das disciplinas que devem ser formativas, a autodireção e organização da vida individual e coletiva, das lutas sociais e suas contradições, das formas participativas de organização e gestão da escola e comunidade; considerar todo o meio educativo tanto natural, como social e cultural, o trabalho socialmente útil e os métodos específicos de ensino.

Da necessidade de assegurar, de uma geração a outra, o conhecimento que configura este acervo de bens culturais materiais e imateriais, sem o que a humanidade pereceria, é que se configura a exigência da educação, que assume, em cada modo de produção, características próprias. (CIVATTA E LOBO, 2012, p.571)

Temos que ter consciência, assim como na Pedagogia Socialista, que a liberdade deve ser tratada de modo que os sujeitos se sintam livres, a educação nas

escolas do campo como libertação dos povos camponeses. Para uma educação como libertação, devemos considerar as bases formativas citadas por Freitas. O grupo de educadores relata:

“Para querer aula atrativa temos que ter recursos didáticos e não temos, por exemplo, o aluno precisa do conhecimento global e é preciso ter internet onde os alunos e nós professores possamos ter acesso. Quadro e giz somente não deixa uma alua atrativa e é o que temos nas mãos hoje, nem o livro didático não temos para trabalhar com os alunos. Temos aula atrativa quando estamos em projetos, mas não podemos ficar só com projetos. Capacidade para termos uma aula atrativa nós temos.”

É preciso que a escola ofereça o mínimo de condições necessárias para que possa trabalhar com uma metodologia diferenciada da utilizada com somente quadro e giz. A estrutura do Colégio Estadual Vale da esperança não contribui para as necessidades dos educadores, não existe um laboratório de informática adequado, não existe uma biblioteca nem livros didáticos como cita o grupo de educadores.

Para que as escolas do campo possam avançar nas práticas pedagógicas libertadoras é preciso ter uma infra estrutura adequada. O colégio Estadual Vale da Esperança, por exemplo, não tem uma sala para que os professores possam planejar as bases pedagógicas, não tem como receber os pais em uma reunião, e quando assim fazem as reuniões de pais, utilizam as salas de aula.

Sem as mínimas condições necessárias, prejudica a formação dos estudantes, pois a falta de uma estrutura adequada compromete uma educação de qualidade, para formar sujeitos conscientes. Outro fator que influencia em uma educação de qualidade são os financiamentos para as escolas do campo e a valorização dos educadores. Como relata:

[...] não existe uma política pública que valorize os professores, pois os professores pega uma carga horária alta para ganhar um pouco a mais. Não existem políticas para formação de professores e as condições de trabalho é precária, não tem uma política e isso desinteressa os professores. Não é diretamente os alunos que estão desinteressados é todo um contexto social. Isso é um processo cultural que estamos vivendo aqui.

As políticas públicas da educação contribuem para uma infraestrutura das escolas que não atendem as necessidades da educação de qualidade e para os educadores desmotivados. Outro fator que devemos levar em consideração é a baixa escolaridade dos educadores que trabalham nas escolas do campo. No colégio Estadual Vala da Esperança existe educador trabalhando com as séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio com formação de nível médio. O conhecimento científico é essencial para a construção de uma educação que atenda as necessidades fundamentais dos camponeses, para romper com o paradigma dominante.

3.3 – O desinteresse dos estudantes na concepção dos educadores

De acordo com o seguinte tema do roteiro de grupo focal: “o que vocês entendem por desinteresse e quais os critérios” os educadores do Colégio Estadual Vale da Esperança levantaram vários aspectos que são compreendidos como desinteresse.

“Um dos fatores que mais influencia é o socioeconômico. O que eles sofrem junto com a família afeta bastante no aprendizado. E os critérios são: não permanecer nas aulas, chamar atenção do outros colegas, conversas paralelas e falta com o respeito com os próprios colegas.”

Como na Pedagogia Socialista a teoria e a prática devem valorizar a igualdade dos homens sempre vinculada às experiências de luta social e política. (CIAVATTA; LOBO, 2012) Quando tratamos de problemas socioeconômicos, a escola deve ter nas suas relações pedagógicas, debates que valorizam a igualdade, neste sentido, quando lidamos com esses problemas sociais nas escolas, não podemos ignorar, pelo contrário, devemos incluir na organização do trabalho pedagógico.

Foi citado no grupo o tema sobre aulas atrativas e aulas não atrativas, os educadores levantaram essa questão em debates, colocando como aulas atrativas aquelas que possuem diversos materiais pedagógicos, aquelas em que se percebe o rendimento dos estudantes, a interatividade entre educadores/alunos, alunos/alunos. Os educadores relataram que não é possível fazer uma aula atrativa, mais dinamizada, pelo fato da escola não possuir uma estrutura que atenda as necessidades dos estudantes e dos educadores.

“Uma aula atrativa é que tem inovação com recursos didáticos, uma motivação para professores e alunos. Que tenha uma participação ativa e os alunos aqui não tem essa participação.”

Não adiantaria se a escola possuísse todo esse material pedagógico, toda uma estrutura adequada e na sua organização pedagógica não levasse em consideração a vida dos estudantes, a vida dos educadores, a vida da comunidade, as culturas locais, as lutas das organizações. Os estudantes continuariam sem interesse. Freitas relata que: “O conteúdo da escola é preliminarmente o conteúdo da vida, do meio natural e social, sistematizado na forma de conceitos, categorias e procedimentos pelas ciências” (FREITAS, 2012, p159)

É necessário que a escola tenha as condições didáticas e de infraestrutura, mas a essência está na organização pedagógica, está nos pressupostos teóricos e metodológicos. É preciso trabalhar com a ideia de que toda relação social gera aprendizado, e os estudantes não chegam à escola vazios para serem preenchidos. Se considerarmos que os estudantes estão ali somente para um aprendizado científico, caímos na lógica da sonegação do conhecimento popular.

Os educadores tem a concepção de que os estudantes passam a olhar para a escola como ponto de encontro, pelo fato do assentamento Vale da Esperança não possuir políticas públicas para a juventude rural. É citado no grupo o exemplo das estudantes que frequentam a escola bem vestidas, como se estivessem em um desfile. Cita-se ainda que o campo é o lugar do atraso na concepção de muitos, pois é relatado no grupo que uma empresa de ônibus que fazia a linha Formosa – Vale da Esperança mandava os motoristas indisciplinados para trabalharem nesta linha como forma de punição.

Essa visão do campo como atraso vem de um contexto histórico e cria na sociedade um preconceito com os camponeses. Essas e outras contradições reafirmam a luta por um campo que possa valorizar sua cultura, onde o campesinato tenha uma educação libertadora. Nesse ideário de campo atrasado chegam migalhas de políticas públicas, assassinando os direitos humanos, menosprezando os diferentes saberes camponeses.

Portanto, a escola precisa compreender que o campo é uma das formadoras de vida das pessoas, que essas pessoas possuem sonhos e que esses sonhos são retirados muito depressa pelo capital. Torna-se assim uma necessidade de consciência de luta e a escola não pode e não deve de forma alguma ignorar essa luta, que é travada também no campo da ciência. Caso a escola desassocie as ciências e as contradições, ela estará fazendo muito pouco para os estudantes. Como dizem Molina e Sá:

O conhecimento científico acumulado pela humanidade não pode ser usado com neutralidade; ele deve dialogar com as contrações vividas na realidade destes sujeitos, o que envolve a busca de alternativas para as condições alienado e para as dificuldades de reprodução social da classe trabalhadora do campo, todas essas condições inerentes ao antagonismo intrínseco à lógica do capital (2012)

As escolas que temos servem aos interesses do capital, servem para formar mão de obra barata para sustentar as bases do capital. O conhecimento transmitido pela escola de forma fragmentada favorece os interesses de uma minoria que detém do poder. Desta forma os que manipulam as políticas e os meios de produção, investem pesado para que a escola continue do jeito que nos deparamos, sem vida, sem sonhos, que a escola continue culpando as famílias e as famílias culpando a escola, os educadores culpando os estudantes e os estudantes culpando os educadores, formando assim um círculo vicioso de culpados e o principal motivador dessas culpas ficam esquecidos, pois as famílias, os estudantes enquanto estão brigando com a escola e com os educadores, estão perdendo tempo e conhecimento para lutar contra o inimigo que é bem maior do que possam imaginar.

Como relata Arroyo:

Logo, a aproximação a esse conceito e a compreensão dele (como de todo conceito e de todo conhecimento) nos obriga a tomar como ponto de partida os sujeitos concretos – os oprimidos – no contexto histórico em que se humanizam e em que se formam, na medida em que experimentam e reagem, libertando-se da opressão. Essa vinculação de todo conhecimento e de toda pedagogia com as experiências das relações sociais e seus sujeitos históricos torna-o histórico, político, intencional, radical: pedagógico. (ARROYO, 2012, p. 556)

Devemos compreender que a luta de classe demonstra um desenvolvimento, que possibilita outra organização econômica mudando a relação de produção, quebrando a exploração da mão de obra, mudando a relação do homem com a natureza. Os oprimidos devem se organizar para construção de um mundo que respeite os direitos da humanidade. Neste sentido, devemos criar nas relações pedagógicas uma intencionalidade do trabalho socialmente útil para um processo de transformação social, sendo assim, a escola deverá se inserir neste processo.

Portanto, podemos levantar vários aspectos para nos desfazer das aulas monótonas, das aulas não atrativas, da escola como ponto somente de encontro entre amigos, da escola como ponto de lazer. O primeiro passo é compreender que a escola está desligada da vida dos estudantes. Segundo passo é ligar a escola com a vida, torná-la mais atrativa, mais participativa, mais viva. Terceiro passo, devemos mostrar como a luta da comunidade não difere das lutas da escola por uma educação de qualidade, ao mostrar todas as contradições existentes na sociedade, devemos refletir juntamente com os estudantes sobre os sujeitos que somos e que nos tornamos.

Caso haja uma compreensão dos modos de produção tanto do conhecimento quanto agrícola, os estudantes entenderão da economia falida do capital, e perceberão que é preciso ter outro modo de produção, mais sustentável, que mude a relação do homem com a natureza. Se os estudantes compreenderem que é possível um mundo melhor de se viver e que o conhecimento científico deve estar relacionado com o conhecimento popular e com a prática, avançamos muito para nos contrapor a esse modelo de produzir vidas alienadas.

Para superar o desinteresse na escola, os estudantes, famílias e comunidade precisam compreender a necessidade de uma educação que valorize a vida, os saberes populares. Que a escola precisa estar aberta para discutir e propor

melhorias tanto para educação, como saúde, saneamento básico, água, energia, infraestrutura, meios de produção, entre outras contradições existentes hoje em assentamentos. Assim, a escola ganha vida, os alunos se sentem parte dessa escola, os educadores se sentem parte dessa escola, a família se sente parte dessa escola.

Partimos do pressuposto de que o desinteresse não está nos estudantes, e sim a escola está desinteressante, a organização pedagógica está desinteressante, a valorização dos educadores está desinteressante, o papel da família está desinteressante. Enfim, todos precisam lutar por uma escola interessante, que os estudantes possam ter interesses, que os educadores possam ter motivação.

Como relatado no grupo dos educadores, é difícil motivar os estudantes se os próprios educadores se sentem desmotivados. Surgiu ainda, a questão sobre a desmotivação das famílias, onde os estudantes saem de casa desmotivados, chegam à escola encontram todo um corpo docente e administrativos desmotivados, uma escola totalmente desligada da vida dos estudantes. Não se pode encontrar interesse nessa escola. É preciso construir juntamente com as organizações sociais, associações, educadores, famílias, estudantes, uma luta por uma educação gratuita e de qualidade. Uma educação de qualidade, lembrando, que não é apenas aquela em que existe uma infraestrutura adequada, com material pedagógico suficiente, mas sim, uma escola onde podemos encontrar tudo isso e mais, uma escola ligada com a vida dos estudantes, uma escola onde todos possam participar, todos possam lutar juntos para melhorar a vida dos sujeitos camponeses, que esses sujeitos assumam a identidade de guerreiros.

3.5- Família e escola: A concepção dos educadores

Quando tocamos no tema família e escola, os educadores relatam que a participação das famílias precisa avançar muito, pois a escola convida os pais a comparecerem às reuniões e, raramente aparece uma grande quantidade de famílias. Além das famílias não participarem diretamente na escola, também não são acostumadas a acompanhar a parte pedagógica em casa, não motivam os estudantes, não estão presentes na vida estudantil dos seus filhos.

Foi colocada no grupo a questão da preparação da escola para receber as famílias, o debate sobre esse tema logo é questionado, pois a escola não está preparada para receber as famílias, tão pouco as famílias estão preparadas para adentrar a escola, participar da sua organização pedagógica. O grupo cita exemplos: um pai, uma mãe ou um responsável aparece na escola reivindicando seus direitos, esse responsável já é tomado como inimigo, como uma família que irá dar problema para a escola. E quando a escola questiona sobre o comportamento de um estudante para sua família, já aparece resistência também pelas famílias.

Podemos afirmar que realmente a escola que temos não está preparada para receber as famílias, não adianta chamar as famílias para reclamar dos estudantes, pois assim, a escola está afastando cada vez mais as famílias. Convidar as famílias para solucionar os problemas existentes na escola não é suficiente, devemos refletir se a escola está propondo uma ação coletiva que também irá contribuir na produção, na economia, na saúde, nas festas populares, entre outros fatores importantes para a comunidade.

Precisamos de uma escola que consiga dialogar com as famílias de forma pedagógica, mostrar para essas famílias que a escola tem uma responsabilidade social, além de formar pessoas capazes de lutar contra essa hegemonia que escraviza os trabalhadores, assassina as vidas das nossas crianças e nossos adolescentes.

A relação família/escola deve ser um elo forte de resistência contra o capital, um elo de participação nas vidas dos sujeitos camponeses, uma escola do campo tem que ser capaz de propor ações diferenciadas para trazer para as raízes pedagógicas da escola, uma capacidade maior de dialogar com as contradições e com as lutas da comunidade, das famílias, as lutas precisam ser comuns. Neste

sentido, as famílias irão ser parte do processo de ensino e aprendizado dos estudantes e de todo o contexto da escola.

A escola precisa se preparar para receber as famílias, assim como as famílias precisam se preparar para participar da escola. Deve ser um elo de união das lutas, compreender as contradições, compartilhar os saberes populares e científicos, lutar juntos por um mundo melhor de se viver.

O papel da escola não é formar mão de obra barata para o capital, não é expulsar as famílias da escola, não é ignorar os saberes dos estudantes, não é desconsiderar a cultura, mas sim, uma escola que tem no seu processo pedagógico uma visão ampla do ser cidadão, do ser humano enquanto um trocador de experiências, e olhar para os estudantes, para os educadores, para as famílias com um olhar de compreensão e sabedoria, lidar com os sujeitos do campo como construtores da sua própria história.

Neste sentido, o espaço dos pais na escola é caminhar junto com todos os protagonistas da escola, dos sujeitos que ali batalham, dos sujeitos camponeses que passam de meros receptores para um sujeito de saberes diferentes que possibilita a troca de saberes. Para vivenciar essa escola, todos precisam protagonizar essa luta, compreender a necessidade de uma escola do campo que atenda as necessidades dos camponeses e não as necessidades do capital.



A escola deve estar ligada com todos os meios de relações que provocam aprendizado. É na contradição que se aprende o verdadeiro sentido de lutar. A escola não deve fragmentar conteúdo, expulsar a família, ignorar os saberes culturais, isolar-se da comunidade e não ter o trabalho socialmente útil. As relações devem ser suporte para as lutas, forma de superar as contradições, compreender o trabalho como princípio educativo.

A questão que ainda permanece aberta é como construir a formação da juventude levando-se em conta a escola como agência que organiza o acesso às bases das ciências e das artes em ligação com o meio educativo mais amplo e suas lutas, bem como com suas múltiplas agências formadoras [...] Parte desta conexão à vida, em especial com os grupos mais velhos de estudantes, se resolve pela noção de politécnica. Também sabemos que a categoria da autodireção, um elemento importante para o desenvolvimento de sujeitos lutadores e construtores do futuro, é uma âncora educativa de grande valor. (FREITAS, 2010, p. 164)

Assim a escola estará fazendo o papel que deve cumprir para uma sociedade de princípios, valores e culturas diferenciadas desta em que vivemos que produz a pobreza, que produz a miséria e que aliena as pessoas para lidar com todos esses problemas de forma natural. A luta da comunidade deve ser a mesma da escola, a luta dos estudantes deve ser a mesma da escola, a luta das famílias deve ser a mesma da escola. As contradições são ferramentas para aprendermos o verdadeiro sentido da luta.

Não podemos ensinar como fazer metodologicamente, mas, podemos orientar os educadores, educandos, família e comunidade, partindo do trabalho coletivo que se organiza para defender os interesses da classe trabalhadora. Como relata Freitas (2010, p. 163), onde o primeiro cuidado é não tentar formular um método de ensino, mas sim um procedimento orientador da ação do coletivo da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações levantadas a partir dos grupos focais possibilitaram uma compreensão sobre a necessidade de transformar a escola, de mudar o fazer pedagógico para assim trazer vida para a escola, e quando referimos à vida, são os saberes dos estudantes, das famílias, da comunidade, são as lutas e contradições relacionadas com a ciência. A escola vivencia juntamente com os estudantes a possibilidade de transformação da realidade, partindo da compreensão dos sujeitos enquanto camponeses, dos sujeitos enquanto oprimidos. Buscar uma igualdade justa e digna para os povos.

Neste sentido, o (des)interesse parte do pressuposto de que a escola está desligada com a vida e que estes estudantes se manifestam contra a Pedagogia do Estado, tentando mostrar aos educadores que é preciso mudar, o que a escola julga como desinteresse podemos analisar que os estudantes estão interessados não pela escola que vivenciamos, mas sim, por uma escola da vida, porém, não tem uma compreensão por parte dos educadores, por essa razão, tentavam resolver o “problema” pelo viés de achar culpados, como a família. Sabendo assim que os culpados não são as famílias, tampouco os estudantes, os culpados são os que detêm do poder, do controle da força de trabalho.

A escola precisa ser bem estruturada pedagogicamente para analisar e saber lidar com esse grande problema que é o desinteresse dos estudantes. O Estado enquanto responsável pela gratuidade e qualidade da educação precisa avançar em políticas para a educação pública de infra estrutura, qualificação dos educadores entre outras interferências em uma educação de qualidade.

É preciso levar em consideração que os alunos são filhos de assentados, acampados da Reforma Agrária, filhos de pequenos agricultores e filhos de empregados das grandes fazendas vizinhas. São pessoas de vulnerabilidade, o que influencia no ensino e aprendizado do aluno, logo, se os alunos não têm dignidade para viver bem, os mesmos não terão interesse pela escola como meio de aprendizado. Neste sentido, as políticas de educação não são suficientes, é preciso pensar políticas públicas de moradia, saúde, transporte, qualificação profissional e

incentivo aos pequenos agricultores, aos sujeitos que colocam a comida nas mesas dos brasileiros.

Quero salientar que esses conflitos são fundamentais para pensar o fazer pedagógico valorizando todos os estudantes. O que é notório ao observar a partir da pesquisa, é que o educador os trata de forma igual, sendo que cada um tem sua particularidade e seus anseios, que os estudantes trazem para a escola as contradições da sociedade, as lutas da vida, a cultura popular, o conhecimento familiar que perpassa por várias gerações.

Esperamos que esses conflitos sejam superados, que os educadores de todo o Brasil possam compreender que para mudar o desinteresse dos estudantes precisam mudar a escola que temos. Precisam construir uma escola da vida dos sujeitos camponeses, conceber o conhecimento científico interligado com os anseios de uma sociedade oprimida. Essa escola precisa orientar os estudantes que para ter dignidade de vida, precisa buscar um mundo diferente do que vivemos, um mundo onde todos possam ser valorizados, sem preconceitos, sem racismos e sem machismos.

Juntar minha trajetória à minha prática pedagógica e fazer desta o meu objeto de pesquisa trouxe desafios e significados que, certamente, enriquecerão ainda mais a minha atuação profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DESTE PROJETO

ARROYO, Miguel G. Formação de educadores do campo. In: ARROYO, Miguel G. et al (Orgs). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 359-365

ARROYO, Miguel G. Pedagogia do Oprimido. In: ARROYO, Miguel G. et al (Orgs). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 353-360

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, R. S. et. al (Orgs). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 257-265

CIAVATTA, Maria, LOBO, Roberta. Pedagogia Socialista. In: CIAVATTA, M. Lobo, R et al (Orgs). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 561-668

FREITAS, Luiz Carlos. A escola Única do Trabalho: explorando os caminhos de sua construção. In: FREITAS, Luiz et AL (Orgas). Caminhos para transformação da escola. São Paulo: Expressão Popular, 2010. PP . 155-175

GATTI, Bernardete Angelina. Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

HADDAD, Sérgio. Direito à educação. In: HADDAD, Sérgio et al (Orgs). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 2215-222

MOLINA, Monica C.; SÁ, Laís M. Escola do campo. In: MOLINA, M. C. LAÍS, M. S. et al (Orgs). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 324-330

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: RIBEIRO, M. et al (Orgs). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 293-298